

# A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO E DA INADIMPLÊNCIA DO NOME-DO-PAI NO ÊXTASE DROGADITIVO

Orlando Soeiro Cruxên \*\*

## RESUMO

Esse artigo trata da questão do imaginário em consumidores habituais de drogas. Recorre à teoria e a depoimentos coletados em entrevistas - movimento que visa cercar melhor o tema. Discorre sobre a inadimplência de Nome-do-pai, como um dos fatores que deixaria o drogadito presa do imaginário e impossibilitado de articular seu desejo. O problema levantado aqui, é lido à partir de Sigmund Freud, Jacques Lacan e MDMagno.

## ABSTRACT

This article is about the question of the "imaginaire" in drugadicts. It considers the theory and data from interviews, in a trial to circumscribe the subjeti. It discribes the problem of the "name-of-the-father" as a factor that subjugates the addict to the imaginary, making the articulation to one's own desire impossible. The problem considered in this article is read based upon the work of Sigmund Freud, Jacques Lacan and MD-Magno.

---

\* Artigo apresentado no CLEF (Clínica de Estudos Freud-Lacanianos)

\*\* Psicólogo. Professor do Departamento de Psicologia da UNIFOR. Mestrando em Sociologia, na U.F.C.

## 1. INTRODUÇÃO:

O tema desse artigo foi sendo delineado a partir do trabalho de entrevistas com a população de uma instituição de filosofia religiosa, voltada para o tratamento do drogaditos. Ao mesmo tempo, o caminho teórico sobre aspectos psíquicos da questão drogaditiva, nos reportava ao narcisismo, de maneira como Freud o formulou e, numa extensão do mesmo, a elaboração de Jacques Lacan sobre o estágio do espelho. Numa articulação possível aos elementos da questão proposta aqui, MDMagno vai desenvolver a tese da inadimplência do Nome-do-pai, como um agente que dificulta a viabilização do desejo no álcoolatra e drogadito.

Alguns autores como Olievenstein (1985), derivam suas teorizações a partir de alguns axiomas psicanalíticos. No caso citado, esse autor, a partir da conceituação do estágio do espelho em Lacan, hipotetiza um estágio do espelho quebrado como algo comum ao quadro psíquico dos drogaditos. Não se partilha, aqui, da teorização do mesmo, embora essa aponte para a questão do imaginário, tão transparente no discurso drogaditivo.<sup>2</sup>

## 2. A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO NO ÊXTASE DROGADITIVO

"Quando usava na época, tudo era deliração . . . Eu delirei duas vezes fora do Brasil. Fiquei uma vez na África, outra no México (. . .) Testei muito tipo de droga, mas teve uma que me fez virar a cabeça, o LSD - 'Linha dos Sonhos Delirantes', foi o nome que botei nela . . . Via tudo diferente. O que era feio, eu achava bonito e também o contrário. Ficava muito impressionado comigo próprio . . . De forma que eu passava horas me olhando no espelho, impressionado comigo mesmo. Era uma deliração que não agredia, onde tudo estava lindo. Trocava muito de roupa . . . Nunca matei, roubei, 'estuprei'. O efeito durava até 15 ou 20h, dependendo da quantidade . . ."

Alguns dos internos entrevistados como esse acima, enfatizam o caráter de êxtase de experiências com algum tipo de droga.

Trabalhando com a questão proposta, através de aproximações, seria possível

1 A utilização do termo drogadito ocorreu devido à construção do nome. No dicionário Aurélio (1975), a palavra *addicō* é relacionada a adjudicar, que significa vincular, ligar. O uso desse termo foi, também, motivado pelo mesmo não estar inserido de forma preconceituosa nos vários tipos de discursos que reportam-se a drogadição.

2 Os motivos pelos quais não se segue as articulações do referido autor, podem ser encontrados num trabalho em elaboração. - Dissertação de Mestrado em Sociologia da U.F.C., por Orlando Cruxên.

articular a noção de êxtase com a tese do Estádio do espelho, formulada por Lacan. Essa, por sua vez, pode ser considerada como extensão do estudo freudiano sobre o narcisismo.

Sabendo-se do risco que se corre ao se apropriar de uma conceituação que Lacan sempre primou por deixar em aberto e complexificada no movimento do saber, diminui-se o perigo de reducionismo ou simplificação. De forma alguma, pretende-se aqui um aprofundamento na teorização do estágio do espelho. O que se espera é que, reportando-se a alguns aspectos dessa teorização, seja possível avançar um pouco no problema apresentado.

O estágio do espelho, segundo Lacan, seria um momento de constituição de um tipo de subjetividade, situado entre os seis e os dezoito primeiros meses de vida. A criança, ainda em estado de impotência e descoordenação motora, antecipa imaginariamente a apreensão e o domínio de sua unidade corporal. Essa unidade imaginária, opera-se pela identificação com a imagem do semelhante como forma total. O estágio do espelho constituiria o esboço do eu. Essa imagem especular possui efeitos estruturantes, mas ilusórios. Vallejo (1979) coloca que essa unidade ilusória inaugura para o sujeito um lugar onipotente (Eu ideal) e uma dialética de identificações conforme esse modo alienante de ser o outro. A imagem da espécie, estrutura psicologicamente o sujeito, retificando a dispersão dos membros para uni-los numa ilusão de indivisão. Esse poder da imagem tem seu antecedente no mundo animal: uma pomba ovula por uma simples visão da forma do pombo.

Há, no estágio do espelho, o "flash" da auto-imagem, vivenciado como auto-descoberta. Esse ápice vai ser apontado, por vários entrevistados como pertinente a algumas "viagens drogaditivas". Pelos elementos "oceânicos" ou de completude imagética que comportam, essas "viagens" ou "delirações" se articulam, aqui, ao termo êxtase.

Em vários depoimentos de internos, fala-se de "fantasmas" e imagens que aparecem em contiguidade, quando se associam umas a outras. Há uma vivificação perceptiva que nos faz pensar, de uma certa forma, no funcionamento regressivo de aparelho psíquico proposto por Freud<sup>3</sup>.

Ao se atentar para a construção de um filme como "Pink Floyd the wall", de Allan Parker, é disso que sua composição cênica trata. É como se a câmera registrasse imagens em contiguidades associativas. O filme mostra um cantor de rock Pink, em crise existencial. Há um encadeamento de "flash-backs" da história do Pink, com seu mundo fantasmático. Assim, há, no filme, a associação de uma cena que mostra o fracasso de seu casamento, uma imagem em desenho animado de uma flor devoradora, como representante de um sexo feminino e alusões a mãe de Pink - gorda e superprotetora . . . bem como a seu pai morto na Segunda Grande Guerra. O filme, que é musical, vai "amarrar" as imagens pelas músicas.

Duas coisas merecem ser apontadas, aqui, em relação a esse filme. Uma delas, seria a semelhança de sua construção plástica com a "viagem" que vários dos entrevistados descrevem. Uma outra, a seqüência de imagens-significantes, que falam de fantasmas que, na leitura aqui exercida, sustenta-se na parede (Ihe

3 FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. R. Janeiro: Imago, 1985, C. 7.



wall) - barra do recalque, que o filme, ingênuamente propõe quebrar. É interessante, também, notar, que apenas quanto canta é que Pink deixa de "delirar", de estar sujeito a ordem das tensões agressivas do espectador.

Se, nesse filme, muitas das cenas são em desenho animado, um dos internos entrevistados comenta sua experiência com a maconha, em que suas representações lhes apareciam de forma semelhante:

"Com a maconha ficava assim . . . as coisas apareciam como em estorinhas - vinha um quadro, depois outro . . . Passava um tempão assim . . . também ouvindo um som . . . Eu me abria muito. Ficava desligado, curtindo . . . Eram imagens bonitas, outras ruins".

A posição que o êxtase drogaditivo imprime ao drogadito é caracterizada por uma vigência do mundo imagético, quando as imagens vão estar articuladas a fantasmas, construídos na historicidade do sujeito. O que vai ficar claro na "viagem" proporcionada por drogas como a maconha, o haxixe, o LSD, é o mundo fantasmático de cada. As estruturas fantasmáticas "procuram exprimir-se, encontrar uma saída para a consciência e ação, e constantemente atraem a si um novo material"<sup>4</sup>.

Os três profantomas básicos, descrito por Freud em **Totem e Tabu**, são: Fantasma ou fantasia da cena primária, sedução por um adulto e Castração. Segundo Cabas (1982, 40), cada profantasma marca uma posição existencial do sujeito. Acredita-se, aqui, que os fantasmas funcionam como eixos, a partir dos quais se articulam o conteúdo do êxtase drogaditivo.

A dimensão imaginária, em sua sustentação por uma fantasmática, está fundamentalmente articulada ao desejo - "um termo vem atestá-lo, WUNSHPHANTASIE, ou fantasma de desejo"<sup>5</sup>.

Se a "viagem" do drogadito durante o consumo de drogas é povoada por uma grande riqueza perceptiva, em uma plausível relação com o caráter alucinatório, tem-se que o primeiro desejar parecer ter sido um investimento alucinatório de recordação de satisfação. É possível, dessa forma, delinear, aqui, uma articulação da alucinação, como marca do funcionamento regressivo do aparelho psíquico, com o aqui chamado êxtase do drogadito no momento do consumo. Um êxtase atrelado a um desejo.

No rastreamento da definição do êxtase, encontram-se leituras do termo. Segundo o Aurélio <sup>6</sup>, êxtase significaria:

"1 - Arrebatamento íntimo, enlevo, arroubo, encanto. 2 - Admiração de coisas sobrenaturais, pasmo, assombro. 3 -

4 LAPLANCHE J. PONTALIS, **Vocabulário de Psicanálise**. S. Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 232.

5 Ibidem, p. 232.

6 HOLANDA FERREIRA, Aurélio B. - **Dicionário da Língua portuguesa**. Nova Fronteira, RJ, 1978.

Fenômeno que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que é mesclado de certa angústia".

Acredita-se nesse trabalho, que o êxtase drogaditivo está aliado à necessidade especular da boa forma, a uma completude ilusória da constituição egoíca do narcisismo, apesar de "isso" mostrar . . . fazendo o sujeito se deparar com o seu desejo. É sobre a possibilidade de se articular o desejo à partir do consumo de alguma droga ou álcool, que se pretende tratar no próximo item.

### 3. NA ARTICULAÇÃO DO DESEJO É PRECISO SE NARCOTIZAR ALGUÉM . . .

Por uma inadimplência do nome-do-pai, o drogadito vai ter apenas um acesso precário ao mundo de palavras, via através do qual ele poderia se significar. Assim, o drogadito, uma vez em contato com a droga, vai exarcebar-se numa dimensão imaginária. É essa a falência drogaditiva - a exaustão imaginária que marca o malogro do princípio do prazer, posto que cada êxtase sempre pede mais . . .

MDMagno (1985), chama a atenção para a dificuldade do drogadito e alcoólatra, articularem seu desejo, dado o caráter superegótico da função do pai. O embriagar-se viria, assim, narcotizar o pai-policia, no que ele pode restringir do desejo em seus deslizamentos. Há no alcoolismo e, numa correlação possível, na drogadicção, a dopagem de uma instância crítica do psiquismo, para que o desejo possa falar. MDMagno (1985, 70) escreve:

"(. . .) Eu diria que se bebe, no sentido do alcoolismo, conforme a equação: alguém dá de beber a alguém. Assim, como 'mata-se uma criança', o 'bate-se numa criança', há a fantasia 'embriaga-se alguém'. Talvez se pudesse considerar segundo o tema de Lot e o mural de Michelangelo, que são as mulheres que dão de beber ao pai. Mas a que pai? **Que pai precisa ser dopado para não confessar o seu desejo ou para não permitir que o desejo se diga?** É o chamado pai-ideal. Então digo que, certamente, no esquema do alcoolismo há o feminino, enquanto outro, solicitando que se possa dar de beber ao pai-ideal para que ele abra mão de sua violência policial, para que o desejo possa falar, um desejo que está na cara e que, legiferantemente, o pai ideal cerca de todos os modos".

MDMagno aponta que é a isso que nos remete a música de Chico Buarque - "Cálice", no trecho ". . . me embriagar até que alguém me esqueça." - Se não há desejo que tenha estatuto na função Lei/Desejo, é, no entanto, com uma função policial que o Pai Ideal vai aparecer, apontando para uma lei fracionada do desejo, numa vertente obsessiva que parece configurar-se na existência dessa instância. Enquanto a função mediadora do pai é de colocar a lei de acordo com o desejo <sup>7</sup>, o

7 SAFOUM, M. **Estudos sobre o Édipo**. R. Janeiro: Zahar, 1979, p. 42.



pai ideal, por outro lado, testemunha o fracasso dessa lei edípica. Em vez da mãe se tornar proibida, tudo se torna proibido. Assim, o sujeito se narcotiza. O sujeito narcotiza o pai ideal para permitir que o desejo apareça.

Não conseguindo abolir a idealidade do pai, é a mãe que deglute o sujeito. O alcoólatra não vai na direção do poeta. Esse aceita a inexistência constitutiva d'A Mulher, rastreando-a em sua arte. No caso de uma culminância drogaditiva ou alcoólica, seria na direção da mãe que o sujeito desembocaria . . . Citando a história de **Quincas Berro d'água**, de Jorge Amado. MDMagno comenta que, fora de sua organização obsessiva, o protagonista, num ápice de alcoolização, vai cair como um resto capturado pelo campo de lemanjá - lé - manjar/lê - mãe - já:

O que parece acontecer no caso do drogadito, e nisso vários autores parecem estar de acordo, é uma inadimplência do Nome-do-Pai, embora não haja forclusão como no caso do psicótico. MDMagno (1985, 77) fala sobre a inadimplência do Nome-do-Pai:

"Inadimplência, juridicamente, é a falta de cumprimento de um contrato, ou de qualquer de suas condições. O contrato existe, está feito, portanto não há forclusão, só que não se cumpre, ou totalmente ou em parte. Há, então, como mostra Safoum, uma cisão entre lei e desejo, reforçando-se o lado da lei, justamente porque não se exercita a adimplência legal do pai".

MDMagno situaria a tendência à drogadicção e ao alcoolismo do lado da neurose obsessiva, quando a paternidade, pelo menos em parte, não teria cumprido o seu contrato. Isso seria o que forçaria o neurótico a uma construção massiva de um pai ideal, que dificultaria a articulação de seu desejo.

MDMagno (1985, 10), citando uma entrevista de Clovovil à revista Playboy coloca, que o mesmo ao ser indagado sobre se consumia drogas, diz: "Não. Esses caras são uns caretas". Nisso, ele estaria certo, posto que pode-se considerar como careta aquele que não consegue articular imediatamente seu desejo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Supõe-se, nessa altura do presente estudo, que seria a adiplência do nome-do-pai, possibilitando o deslizamento da cadeia significativa, ao mesmo tempo em que recalca S<sub>1</sub>, que possibilitaria uma eficácia simbólica no caso de alguns drogaditos, instalando-os como sujeitos articuladores de seus desejos.

Com a possibilidade de se falar dificultada, seria com o recurso a algum elemento drogaditivo que o sujeito tentaria viabilizar seu desejo. Essa tentativa, entretanto, teria a possibilidade de ser ilusória, por razões citadas no segmento anterior desse texto - a inadimplência da função paterna. Dessa forma o drogadito é jogado em miragens oceânicas, podendo viver sua subjetividade a partir de boa forma da imagem, caracterfstica do estádio do espelho.

### 4. BIBLIOGRAFIA

- CABAS, A.G. **Curso e discurso na obra de Jacques Lacan**. São Paulo: Ed. Moraes, 1982.
- LACAN, J. **Seminário 1 - Os escritos técnicos de Freud**. São Paulo: J. Zahar, Ed., 1986.
- MDMAGNÕ. **O porre e o porre de Quincas Berro D'Água**. Rio de Janeiro: Aoutra, 1985.
- OLIEVENTSTEINS, C. **Destino de Toxicômano**. São Paulo: Almed, 1985.
- SAFOUN, M. **Estudos sobre o Edipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VALLEJO, A. **Lacan - Operadores da leitura**. S. Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.

Uma Análise Psicanalítica da Caracterização do Apoio Social em Estudantes Universitários Brasileiros  
Este trabalho teórico-prático trata, inicialmente, da caracterização de um tipo de contrato que se estabelece entre o pai ideal e o sujeito narcotizado. O contrato existe, está feito, portanto não há forclusão, só que não se cumpre, ou totalmente ou em parte. Há, então, como mostra Safoum, uma cisão entre lei e desejo, reforçando-se o lado da lei, justamente porque não se exercita a adimplência legal do pai.

Os aspectos mais relevantes da caracterização do apoio social e a sua relação com o contrato, foram analisados a partir de uma abordagem psicanalítica. O contrato existe, está feito, portanto não há forclusão, só que não se cumpre, ou totalmente ou em parte. Há, então, como mostra Safoum, uma cisão entre lei e desejo, reforçando-se o lado da lei, justamente porque não se exercita a adimplência legal do pai.

### CHARACTERIZATION OF THE SOCIAL SUPPORT TOWARD BRAZILIAN UNIVERSITY STUDENTS

#### ABSTRACT

This study on the social support toward the narcotized subject was characterized with regard to the establishment of the contract. Social Support Characterization (NSC) is a type of contract that exists, is made, but is not fulfilled, only because it is not completely fulfilled. There is, then, as Safoum shows, a split between law and desire, reinforcing the side of the law, precisely because the legal fulfillment of the father is not exercised.

The aspects of the social support characterization of the narcotized subject and its relation with the contract, were analyzed from a psychoanalytic approach. The contract exists, is made, but is not fulfilled, only because it is not completely fulfilled. There is, then, as Safoum shows, a split between law and desire, reinforcing the side of the law, precisely because the legal fulfillment of the father is not exercised.

\*\*\* Autor responsável pela correspondência: MDMAGNÕ

\*\* Prof. Adriano M. LUFFE

\*\*\* Prof. Roberto S. LUFFE